

ABORDAGEM DO TEMA SAÚDE DA MULHER NO AMBIENTE ESCOLAR

APPROACH TO WOMEN'S HEALTH IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

Vanessa Lago Morin^I 

Everton Ludke^{II} 

^I Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil. Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. E-mail: nessamorin@yahoo.com.br

^{II} Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil. Doutor em Radioastronomia. E-mail: evertonludke@gmail.com

Resumo: A adolescência é um período de transição da infância para a fase adulta; marcado por transformações físicas e psicossociais, bem como por conflitos relacionados às incertezas, inseguranças, construção e conhecimento da imagem corporal e a identificação dos pares, além das instabilidades familiares e sociais (GODINHO *et al.*, 2000). Sendo assim, ressalta-se a importância de conhecer o próprio corpo, de respeitá-lo e aceitá-lo; de manter padrões saudáveis de vida, início de uma vida sexual segura e responsável no que tange a prevenção de doenças e planejamento familiar. As transformações epidemiológicas do Brasil, as mudanças nos padrões de vida das mulheres, a ampliação das concepções sobre Saúde da Mulher (BRASIL, 2004) e os movimentos de implementação de políticas públicas que atendam às suas demandas traduzem a singularidade de um momento de significativas transformações. Sendo assim, este estudo apresenta uma revisão bibliográfica acerca do tema saúde da mulher com escolares, a fim de identificar características, metodologias utilizadas e como ocorre essa aproximação dos alunos com o tema. A pesquisa resultou em seis artigos empíricos publicados entre 2018-2022, em revistas *on line*, com qualis A1 e A2 em ensino, segundo critérios da coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior - CAPES. Constatou-se que as ações revisadas trazem a importância do ensino significativo, pautado em metodologias ativas, com uso de tecnologias de informações sobre conteúdos que sejam relevantes e de interesse para os adolescentes. Assim como, observou-se o importante papel da família como fonte primária na busca de informações sobre o tema em estudo.

Palavras-chave: Saúde da mulher. Escola. Adolescentes. Revisão da literatura.

Abstract: Adolescence is a period of transition from childhood to adulthood; marked by physical and psychosocial transformations, as well as conflicts related to uncertainties, insecurities, construction and knowledge of body image and peer identification, in addition to family and social instabilities (GODINHO *et al.*, 2000). Therefore, the importance of knowing one's own body, respecting and accepting it is emphasized; to maintain healthy standards of living, starting a safe and responsible sex life with regard to

DOI: <https://doi.org/10.31512/vivencias.v19i39.883>

Submissão: 15-09-2022

Aceite: 16-03-2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

disease prevention and family planning. The epidemiological transformations in Brazil, the changes in women's living standards, the expansion of concepts about Women's Health (BRASIL, 2004) and the movements for the implementation of public policies that meet their demands translate the uniqueness of a moment of significant transformations. Therefore, this study presents a bibliographical review on the subject of women's health with students, in order to identify characteristics, methodologies used and how this approximation of students with the subject occurs. The research resulted in six empirical articles published between 2018-2022, in online journals, with qualis A1 and A2 in teaching, according to criteria of the coordination for the improvement of higher education personnel - CAPES. It was found that the reviewed actions bring the importance of meaningful teaching, based on active methodologies, with the use of information technologies on content that is relevant and of interest to adolescents. Likewise, the important role of the family as a primary source in the search for information on the topic under study was observed.

Keywords: Women's health. School. Adolescents. Literature review.

Introdução

Segundo a Organização Mundial da Saúde, adolescente é todo o indivíduo que se encontra na faixa etária de dez a dezenove anos de idade, compreendendo o período de transição entre a infância e a idade adulta. No Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população de adolescentes representa 21% da população total, número expressivo e que requer uma atenção especial (BRASIL, 2007).

Este período de transição da infância para a fase adulta é marcado por transformações físicas e psicossociais, bem como por conflitos relacionados às incertezas, inseguranças, construção e conhecimento da imagem corporal e a identificação dos pares, além das instabilidades familiares e sociais (GODINHO *et al.*, 2000).

Sendo assim, ressalta-se a importância de conhecer o próprio corpo, de respeitá-lo e aceitá-lo; de manter padrões saudáveis de vida, incluindo alimentação, prática de atividade física, saúde mental e início de uma vida sexual segura e responsável no que tange a prevenção de doenças e planejamento familiar.

Por isso a experiência do adolescer exige da família, dos profissionais da saúde e da educação uma análise do mundo adolescente e dos fatores capazes de causar danos e agravos à sua saúde e à sua vida, elaborando uma sistematização de ações com características de promoção e prevenção (HEIDMANN, 2006).

Segundo Ramos (2001) a vida adolescente e as necessidades envolvidas são processos produzidos no âmbito das sociedades, se definindo e se modificando na interação de diversos componentes – econômicos, institucionais, político-éticos, culturais, físico-ambientais. É na interação desses fatores com processos somáticos, genéticos e físico-ambientais, no concreto da vida, que se definem os modos de vida e saúde dos adolescentes.

Além disso, segundo a estratégia global para a saúde das mulheres, das crianças e dos adolescentes (2016-2030), os adolescentes continuam enfrentando importantes barreiras legais, sociais, de políticas e de sistemas de saúde que lhes negam acesso a serviços e produtos de saúde sexual e reprodutiva confidenciais e de qualidade, o que poderia impedi-los de desfrutar uma juventude saudável e realizadora e um futuro produtivo e próspero. Os adolescentes devem receber informações, aconselhamento e serviços de saúde sexual e reprodutiva integrais, inclusive contracepção e informação sobre os riscos da gestação precoce, particularmente a que ocorre no contexto do casamento precoce ou forçado.

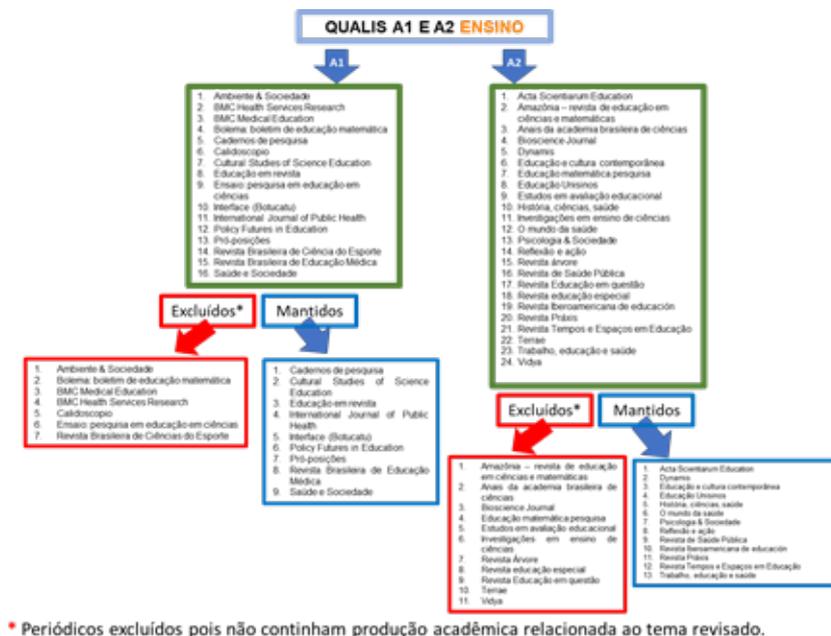
As transformações epidemiológicas do Brasil, as mudanças nos padrões de vida das mulheres, a ampliação das concepções sobre Saúde da Mulher (BRASIL, 2004) e os movimentos de implementação de políticas públicas que atendam às suas demandas traduzem a singularidade de um momento de significativas transformações. Nesse sentido este artigo tem como objetivo revisar na literatura científica como o ensino da Saúde da Mulher ocorre no âmbito escolar com adolescentes, salientando características e metodologias de ensino.

Metodologia

Trata-se de uma revisão bibliográfica, em artigos publicados nos últimos cinco anos, em periódicos online, com qualis A1 e A2 em ensino, segundo critérios da coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior - CAPES (quadriênio 2013-2016) referente ao tema saúde da mulher com adolescentes escolares.

Para qualis A1 foram selecionados dezesseis periódicos, sendo sete excluídos por não conterem nenhuma publicação referente ao tema; e para qualis A2, vinte e quatro periódicos, sendo onze excluídos pela mesma razão do anterior. Sendo assim, foram analisadas as publicações de nove revistas A1 e treze A2, de acordo com o organograma apresentado a seguir.

Figura 01: Fluxograma das revistas Qualis A1 e A2 elencadas para o estudo.



A partir disso foram analisadas as publicações dos últimos cinco anos de cada periódico verificando se os títulos sugeriam relação com o tema em estudo; posteriormente os resumos e por fim, a leitura dos artigos na íntegra.

Resultados e discussão

Após a revisão da temática nos títulos foram selecionados cinquenta e seis artigos em revistas Qualis A1 e trinta e quatro em A2, segundo as tabelas a seguir.

Tabela 01: Artigos selecionados em periódicos Qualis A1.

Periódico (A1)	Artigos selecionados *
1. Cadernos de pesquisa	07
2. <u>Cultural Studies of Science Education</u>	03
3. Educação em revista	08
4. <u>International Journal of Public Health</u>	13
5. Interface (Botucatu)	08
6. <u>Policy Futures in Education</u>	05
7. <u>Pró-posições</u>	01
8. Revista Brasileira de Educação Médica	03
9. Saúde e Sociedade	08
TOTAL	56

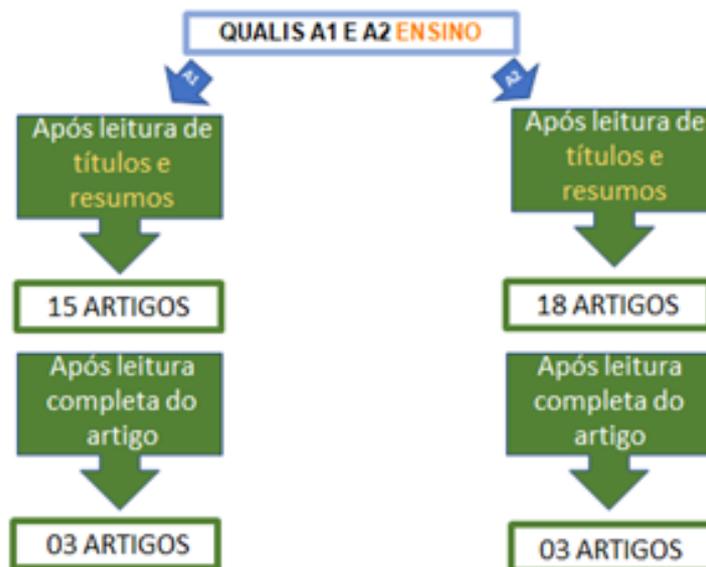
Tabela 02: Artigos selecionados em periódico Qualis A2.

Periódico (A2)	Artigos selecionados *
1. <u>Acta Scientiarum Education</u>	01
2. <u>Dynamis</u>	02
3. Educação e cultura contemporânea	02
4. <u>Educação Unisinos</u>	01
5. História, ciências e saúde	02
6. O mundo da saúde	03
7. Psicologia & Sociedade	02
8. Reflexão e ação	04
9. Revista de Saúde Pública	05
10. <u>Revista Iberoamericana de Educación</u>	02
11. Revista Práxis	04
12. Revista Tempos e Espaços em Educação	03
13. Trabalho, educação e saúde	03
TOTAL	34

Na sequência, foi realizada a leitura dos **resumos** dos artigos selecionados afim de comprovar ou não relação com o tema pesquisado, restando quinze artigos A1 e dezoito A2. Por

fim, após a leitura dos artigos na íntegra, observou-se relação direta com o tema estudado em três artigos A1 e três A2.

Figura 02: Artigos selecionados frente a leitura dos resumos e, posteriormente, dos artigos na íntegra.



O resumo dos estudos selecionados será apresentado no formato de tabela destacando o ano de publicação, o periódico, autores, título, objetivo e delineamento.

Tabela 03: Artigos qualis A1 e A2, em ensino, selecionados segundo temática de estudo de Saúde da Mulher com adolescentes escolares.

Ano	Periódico	Autores	Título	Objetivo	Delineamento
2022	Revista de Saúde Pública (Qualis A2)	Mariana Portela Soares Pires Galvão, Telma Maria Evangelista de Araújo e Silvana Santiago da Rocha	Conhecimentos, atitudes e práticas de adolescentes sobre o papilomavírus humano.	Analisar conhecimentos, atitudes e práticas de adolescentes estudantes de escolas públicas do município de Teresina-PI sobre o papilomavírus humano (HPV).	Estudo transversal, analítico, realizado em 12 escolas da rede pública do município de Teresina, com uma amostra aleatória de 472 adolescentes de 15 anos. Todos os participantes responderam a um questionário validado, que avaliou as características sociodemográficas, o nível de conhecimento sobre o HPV, atitudes relacionadas à vacinação e ao status vacinal.

2021	Educação em Revista (Qualis A1)	Danielly Ferreira Dias e Neusa Elisa Carignato Sposito	Educação sexual: uma sequência didática para a EJA de uma escola de assentamento	investigar as concepções de sexualidade de alunos(as) da Educação de Jovens e Adultos (EJA) durante as aulas de Ciências, bem como propor uma Sequência Didática (SD) para a realização da Educação Sexual (ES) em uma escola alocada em um assentamento, na zona rural do município de Monte Alegre de Minas/ MG.	Pesquisa de intervenção pedagógica desenvolvida em um curso de mestrado. Inicialmente, foi realizada uma revisão da literatura em buscas na internet pelas expressões “educação sexual na EJA em escolas de assentamento”, “educação sexual na EJA e a abordagem freiriana” e por “gênero e sexualidade em EJA de assentamentos”. Porém, não houve resultados para esta busca, e a realização desta pesquisa justifica-se devido à ausência de discussões que alinham a tríade EJA, ES e escola de assentamento. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário.
2020	História, Ciência e Saúde (Qualis A2)	Jose Maria de Jesus Izquierdo; Maria de Assunção Lima de Paulo; Valdonilson Barbosa dos Santos	Juventude rural e vivências da sexualidade	Apresentar os sentidos atribuídos por jovens rurais às vivências da sexualidade. Desde a perspectiva sociológica, seguindo as pistas analíticas da teoria da estruturação.	Pesquisa de ordem qualitativa, na qual ganha destaque a linguagem como meio de acesso à subjetividade dos depoentes.
2019	Revista Brasileira de Educação Médica (Qualis A1)	Ana Carolina Drehmer Santos, Caroline Adriana Gasparim, Gabriella Marques Monteiro, Murilo Ribeiro Brito, Vanessa Alvez Mora da Silva	Relato de Experiência: Construção e Desenvolvimento do Programa de Saúde na Escola (PSE) sob a Perspectiva da Sexualidade na Adolescência.	Relatar a vivência destes estudantes no PSE, ressaltando a contribuição da formação acadêmica embasada em metodologias ativas para a construção e execução das atividades de inserção prática.	Trata-se de um relato de experiência, de abordagem crítico-reflexiva, acerca da vivência de acadêmicos do quarto semestre da graduação em Medicina da Unipampa, por meio da aplicação de metodologias ativas em uma ação do PSE.
2019	International Journal of Public Health (Qualis A1)	Ernestina Coast, Samantha R. Lattof, Joe Strong	Puberty and menstruation knowledge among young adolescents in low- and middle-income countries: a scoping review	Revisar o escopo de evidências relacionadas ao conhecimento e experiências de puberdade e menstruação entre mulheres de 10 a 14 anos em países de baixa e média renda.	Quarenta e quatro itens de 12 países foram identificados a partir de uma revisão sistemática do escopo e triagem de 8083 itens. Os estudos incluídos foram avaliados quanto à qualidade.

2019	Revista Práxis (Qualis A2)	Julio Cesar Soares Aragão, Gabriela de Azevedo Rosestolato Soares, Ian Xavier Paschoeto dos Santos, Marina Coelho de Souza, Renata Sydio de Souza	Produção de vídeos como material didático de apoio para aprendizagem em saúde da mulher: relato de experiência.	Relatar a experiência de desenvolver material didático, produzindo vídeo-aulas que abordam disciplinas básicas que têm por objeto de estudo a morfofuncionalidade do sistema genital feminino, de forma a ampliar as opções de fomento ao processo de ensino e aprendizagem, restrito, em alguns casos, à reprodução do conhecimento transmitido pelo educador.	Optou-se pelo relato de experiência por se tratar de uma forma simples e direta de compartilhamento de vivências que permite descrever as ações de ensino, assim como refletir sobre as atividades desenvolvidas.
------	----------------------------	---	---	---	---

O artigo de Galvão, Araujo e Rocha (2022) intitulado: “Conhecimentos, atitudes e práticas de adolescentes sobre o papilomavírus humano” trata-se de um estudo transversal, analítico, realizado em 12 escolas da rede pública do município de Teresina/PI. Todos os participantes responderam a um questionário que avaliou as características sociodemográficas, o nível de conhecimento sobre o HPV, atitudes relacionadas à vacinação e ao status vacinal. Os níveis de conhecimento e atitude foram classificados por meio de escores padronizados e a prática mediante a situação vacinal. Dentre os participantes, 27,3% apresentaram conhecimento suficiente, 34,1% atitudes positivas e 74,6% prática adequada. Na análise multivariada observou-se associação estatisticamente significativa entre o sexo feminino (ORa = 15,62; IC95%: 9,08–26,9), conhecimento satisfatório (ORa = 2,09; IC95%: 1,15–3,81), e atitudes positivas (ORa = 1,89; IC95%: 1,10–3,23) com a prática adequada. Concluíram que ser do sexo feminino, ter nível de conhecimento sobre o HPV e a vacina classificados como satisfatório, bem como ter atitudes positivas frente à vacinação contra o HPV reforçam a prática adequada de vacinação. Estes achados demonstram a necessidade de ampliar o conhecimento dos adolescentes, gerando atitudes positivas com vistas à vacinação dentro de uma perspectiva adequada.

Quanto mais aumentar os níveis de conscientização e educação em saúde, maior as taxas de imunização da população e, assim, deve realizar melhorias nas informações de saúde para contribuir nas necessidades da população.

A internet é acessada por mais de 100 milhões de brasileiros. Sabe-se que o telefone celular tem sido o dispositivo mais utilizado para acesso individual da internet no mundo, sendo o veículo de informação mais acessível à população em geral com inúmeras possibilidades de uso, inclusive para a promoção de informação à saúde sexual dos jovens (SANTOS *et al.*, 2019).

Segundo Bacich e colaboradores (2015, p.50): “As tecnologias digitais modificam o ambiente, transformando e criando novas relações entre os envolvidos no processo de aprendizagem: professor, estudantes e conteúdos”. Sendo assim, em razão da informação e do conhecimento desempenharem um papel importantíssimo na adesão à vacinação contra o HPV,

é preciso desenvolver estratégias de utilização de ferramentas focadas nos jovens, uma vez que é de fundamental importância para a promoção da saúde dessa população.

Já no artigo de Dias e Sposito (2021), intitulado: “Educação sexual: uma sequência didática para a EJA de uma escola de assentamento” houve uma investigação sobre as concepções de sexualidade de alunos(as) da Educação de Jovens e Adultos (EJA) durante as aulas de Ciências, bem como propor uma Sequência Didática (SD) para a realização da Educação Sexual (ES) em uma escola alocada em um assentamento, na zona rural do município de Monte Alegre de Minas/MG. Inicialmente foi realizada uma revisão da literatura em buscas na internet pelas expressões “educação sexual na EJA em escolas de assentamento”, “educação sexual na EJA e a abordagem freiriana” e por “gênero e sexualidade em EJA de assentamentos”. Porém, não houve resultados para esta busca. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário. Os resultados apresentaram sugestões e possibilidades de discussão das temáticas da sexualidade, inclusive de gênero, a partir das vivências destes(as) alunos(as). Sugere-se a elaboração de uma SD que se adeque à transversalidade das temáticas da sexualidade e à realidade dos(as) estudantes no contexto da tríade ES, EJA e escola de assentamento.

Dias e Carignato (2021) expuseram uma carência de estudos sobre a intersecção dos temas educação sexual, EJA e escola de assentamento, em específico; porém ao se deparar com o estudo de Furnaletto e colaboradores (2018) mesmo nas escolas em que o tema é abordado, o mesmo não está de acordo com as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais de ensino.

Na revisão sistemática da literatura de Furlanetto e colaboradores (2018) sobre educação sexual em escolas brasileiras, foi identificado suas principais características, temas abordados e profissionais responsáveis pelas ações. A pesquisa resultou em 24 artigos empíricos publicados entre 2010-2016, obtidos nas bases Educ@, Science Direct, MEDLINE, LILACS e SciELO. Destacou-se a necessidade de avançar no debate sobre o tema e investir em capacitação docente com vistas a transformar padrões sexuais discriminatórios e promover uma cultura de prevenção em saúde no ambiente escolar.

Já no artigo de Izquierdo, Paulo e Santos (2020), intitulado: “Juventude rural e vivências da sexualidade”, houve uma investigação sobre os sentidos atribuídos por jovens rurais às vivências da sexualidade; realizada em Orobó/PE, com 27 jovens estudantes entre 15 e 29 anos. Desde a perspectiva sociológica, seguindo as pistas analíticas da teoria da estruturação, foi realizada uma pesquisa de ordem qualitativa, na qual ganha destaque a linguagem como meio de acesso à subjetividade dos depoentes. Conclui-se que, na orientação da vida sexual, mais do que os conhecimentos adquiridos no universo acadêmico por onde transitam, prevalecem crenças e valores adquiridos na comunidade rural durante a trajetória de vida desses jovens.

Nessas comunidades rurais, a dispersão geográfica, a dificuldade de acesso e limitações na qualidade dos serviços de saúde evidenciam maior precariedade quando comparada às condições de saúde urbanas (BRASIL 2013). Por vezes, os adolescentes são privados de acesso à educação formal, aos serviços de saúde, ao lazer e às oportunidades de trabalho, necessidades de grande importância para o seu desenvolvimento (BRASIL, 2010). Especula-se que os pais possam influenciar os filhos na adoção de comportamentos relacionados à saúde, pois a família constitui

o primeiro ambiente de aprendizagem das crianças e dos adolescentes (DUARTE, 2007); o que corrobora com o estudo de Izquierdo, Paulo e Santos (2020).

O ambiente familiar agrega um conjunto de valores, crenças, conhecimentos e hábitos que vêm influenciar práticas que promovam a saúde de seus componentes, ou, ao contrário, aumentem a vulnerabilidade dos mesmos para as doenças (IBGE, 2009). Portanto, as atitudes dos pais estimulam, de maneira geral, a obtenção de comportamentos saudáveis ou não por parte de seus filhos (PETROSKI e PELEGRINI, 2009).

Sendo assim, salienta-se o importante papel da família como suporte para conhecimentos de saúde sexual e reprodutiva; e sugere-se que existe uma baixa procura pelos jovens aos serviços de atenção básica de saúde afim de ter acesso à informações referentes a saúde da mulher; assim como a pouca abordagem do tema no ambiente escolar.

O artigo de Romero *et al.* (2007) também reforça o achado de que as adolescentes do meio rural, apesar das dificuldades de acesso a alguns serviços de saúde e educação, tem mais conhecimento sobre assuntos relacionados a sexualidade. Trata-se de um estudo transversal do conhecimento sobre sexualidade, métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis (IST) entre adolescentes do sexo feminino, das zonas rural e urbana; realizado com 506 meninas, com idades entre 10 e 16 anos. Elas buscam mais conhecimentos sobre o assunto (81,2%), quando comparadas com as da zona urbana (72,2 %) ($p < 0,0568$), e a principal fonte de informação foram os pais nas duas regiões. O que vai ao encontro do achado de Izquierdo, Paulo e Santos (2020), sobre a principal fonte de conhecimento não ser o ambiente escolar e/ou de serviços de saúde. A camisinha foi o método contraceptivo mais conhecido pelas adolescentes em ambas as áreas, 44% a conheciam na zona rural e 45% na urbana ($p = 0,0022$). A Aids é a IST mais conhecida nos dois grupos; 43% das jovens da zona rural e 39% da zona urbana referiram conhecer a doença ($p = 0,7843$). É importante destacar que mesmo as alunas do meio rural apresentando percentuais maiores ainda são abaixo do desejado, menos da metade das entrevistadas; o que sugere a importância desses temas serem mais trabalhados em sala de aula e mais ações dos serviços de saúde, principalmente de atenção primária, a esse respeito.

Seguindo, o artigo de Santos e colaboradores (2019) intitulado: “Relato de experiência: construção e desenvolvimento do Programa de Saúde na Escola (PSE) sob a perspectiva da sexualidade na adolescência.”, consiste em um relato de experiência de abordagem crítico-reflexiva de acadêmicos do quarto semestre do curso de graduação em Medicina da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Trata-se de uma atividade proposta com o objetivo de compartilhar a vivência desses estudantes na construção e execução de uma atividade para o Programa de Saúde na Escola (PSE) vinculada a uma das Estratégias de Saúde da Família (ESF) de um município da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. O assunto promovido pelos alunos foi saúde sexual. A atividade foi proposta com base teórica centrada no Aprendizado Baseado em Equipes (*Team-Based Learning – TBL*), destacando o autoconhecimento, prevenção contra infecções sexualmente transmissíveis, empoderamento no quesito de direitos sexuais e reprodutivos e o consentimento sexual. Foi realizada uma análise dialética das discussões com o propósito de avaliar as atividades realizadas, (re) significar as vivências e compilar as expectativas e impressões acerca da experiência. Concluíram que os objetivos de troca, desconstrução e reconstrução de

conceitos que permeavam a promoção de saúde proposta pelos acadêmicos foram alcançados com êxito, além do estudante conseguir ver a importância das ações de promoção da saúde e do trabalho multidisciplinar e interdisciplinar.

A intersetorialidade vem sendo anunciada, há alguns anos, como uma estratégia para otimizar recursos de diversas ordens no âmbito de planejamento, implementação e monitoramento de políticas públicas. Possibilita abordar e solucionar problemas multicausais, exatamente porque se vincula com modos de planejar, implementar e monitorar políticas públicas que definem soluções conjuntas e articuladas para problemas que atingem dois ou mais setores (CUNILL-GRAU, 2014).

No PSE, entretanto, ela é apresentada como novidade em termos de gestão.

Aos(às) profissionais de saúde, e aqui também cabe dizer aos acadêmicos de cursos da área da saúde, cabem atividades de assistência e educativas próprias de sua área de atuação. A articulação da equipe escolar com a Estratégia Saúde da Família é considerada uma estratégia fundamental para envolver a comunidade local e promover, entre estudantes e supostamente entre os(as) que com eles(as) convivem, competências individuais (e familiares) para cuidar da própria saúde, dentro do escopo do que se nomeia, no PSE, de qualidade de vida.

Assim, propõe-se que a escola tenha gerência e coparticipação na promoção da saúde de seus (suas) estudantes, entendendo-se que ela não é local de assistência tal qual a unidade básica de saúde (UBS). Na perspectiva do PSE, as duas áreas envolvidas necessitam comprometer-se com uma determinada abordagem da promoção da saúde da comunidade escolar.

Nessa abordagem, o enunciado “ter como ponto de partida o que sabem” e “o que eles podem fazer” articula-se a um outro que informa que “é preciso partir da realidade do aluno para construir aprendizagens significativas”. “É preciso partir da realidade” é um enunciado que vem conformando diferentes discursos educacionais, apoiados nas vertentes crítico-emancipatórias.

Acredita-se que, com o ato de educar a partir de “sua” realidade, o(a) estudante seja capturado(a) para ver sentido no que lhe é ensinado e que, ao interessar-se, aprenda, nesse caso, a cuidar-se. Nesse sentido, observa-se que quando se organiza, gerencia e executa projetos de promoção da saúde na escola deve-se primeiramente fazer um levantamento das reais necessidades da escola e dos alunos a esse respeito, temas de interesse, situações problema, entre outros aspectos.

Já no artigo intitulado: “Conhecimento da puberdade e menstruação entre jovens adolescentes de países de baixa e média renda: uma revisão do escopo.”, de Coast, Lattof e Strong (2019), apresenta uma revisão do escopo de evidências relacionadas ao conhecimento e experiências de puberdade e menstruação entre mulheres de 10 a 14 anos em países de baixa e média renda. Quarenta e quatro itens de 12 países foram identificados a partir de uma revisão sistemática do escopo e triagem de 8083 itens. Os estudos incluídos foram avaliados quanto à qualidade. Como resultados observaram que: a) a maioria (40/44) dos estudos utilizou amostras escolares e quinze estudos relataram intervenções; b) as meninas tinham conhecimento inadequado sobre menstruação; c) a menarca como um gatilho para as meninas aprenderem sobre menstruação era comum; d) as emoções negativas foram associadas à menarca e ao manejo menstrual; e) uma minoria de estudos lidou explicitamente com a puberdade e f) a maioria das

meninas obteve informações sobre menstruação e/ou puberdade de suas mães, embora as mães não fossem necessariamente a fonte preferida das meninas para aprender sobre esses assuntos. Concluíram que as adolescentes são pouco preparadas sobre assuntos referentes a puberdade e menstruação; e que estudos predominantemente realizados em escolas significam que sabemos pouco sobre jovens fora da escola.

Nos anos 2000, a difusão das orientações propostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), incluiu publicações sobre os temas transversais que, por corresponderem a temáticas sociais relevantes para abordagem na Educação Básica, deveriam estar presentes nos currículos das escolas. A transversalidade ao longo da escolaridade foi proposta considerando-se a complexidade e a necessidade de integração desses temas com todas as áreas de conhecimento.

Um dos temas transversais é a educação sexual, Felipe e Guizo (2004), no entanto, apontam lacunas na apresentação dessa temática, tanto nas escolas de ensino médio (modalidade normal), quanto nos cursos de formação docente em nível universitário. Para esses autores, os currículos ainda não contemplam de forma abrangente a temática, nem apresentam de modo efetivo oportunidades de discussão acerca das questões relacionadas a sexo e sexualidade.

Muitos pesquisadores, a exemplo de Furlani (2009), enfatizam a relevância de conhecimentos inerentes à sexualidade para a formação integral do indivíduo desde a infância. Para a autora, a educação sexual deve começar nessa fase e, portanto, fazer parte do currículo escolar. As temáticas discutidas na educação sexual são conhecimentos imprescindíveis à formação integral da criança e do/a jovem. A sexualidade se manifesta na infância, na adolescência, na vida adulta e na terceira idade. Esperar para abordar a sexualidade apenas na adolescência reflete uma visão pedagógica limitada, baseada na crença de que a “iniciação sexual” só é possível a partir da capacidade reprodutiva (puberdade).

A inclusão da temática sexualidade nos currículos escolares tem como alicerces o surgimento da epidemia do HIV/AIDS e o reconhecimento da gravidez na adolescência como um “problema de saúde física e social” (CÉSAR, 2009). O fortalecimento do paradigma “informação como arma” consolidou as abordagens e discursos sobre o tema sexualidade em torno da ideia de prevenção contra infecções sexualmente transmitidas e gestações consideradas precoces (CÉSAR, 2009; DINIS e ASINELLI-LUZ, 2007; ALTMANN, 2003).

Nesse cenário, coube aos professores de Ciências Biológicas responderem pela educação sexual na escola, tendo como recurso prioritário os livros didáticos. O efeito da destinação desse tema transversal, que deveria ser transversal, para as aulas de Ciências e Biologia foi o reforço de um modelo biomédico, com caráter disciplinar e normativo; em detrimento da abordagem de questões sociais, culturais, históricas e emocionais relacionadas com a sexualidade (ALTMANN, 2007; DE TILIO e MARTINS).

A necessidade de ampliar a apresentação e discussão sobre sexualidade na escola se reflete nos resultados de várias pesquisas apontando que os professores/educadores são favoráveis à inclusão da Educação Sexual nos cursos de formação inicial e reconhecem a importância de ações e intervenções educativas que lhes possibilite reverem seus conceitos e preconceitos (SILVA e MEGID NETO, 2006).

A falta de conhecimentos básicos sobre anatomia, fisiologia, métodos contraceptivos entre os adolescentes aparece como resultados de várias pesquisas (GOMES et al., 2002;

JEOLÁS e FERRARI, 2003; CARVACHO, SILVA e MELLO, 2008). Carvacho, Silva e Mello (2008) associam a falta de conhecimentos sobre o próprio corpo com os problemas enfrentados pelos jovens no exercício da sexualidade, resultando na gravidez não planejada e no uso de medida extremas, como o aborto, com consequências físicas e psicológicas devastadoras para os envolvidos.

O artigo de Aragão e colaboradores (2019) “Produção de vídeos como material didático de apoio par aprendizagem em saúde da mulher: relato de experiência.”, conta com a produção de vídeo aulas abordando o tema de saúde da mulher de acordo com o ciclo básico no Curso de Medicina. Esses vídeos foram produzidos pelos alunos do curso, dando atenção aos conteúdos de embriologia do aparelho reprodutor feminino e fisiologia do ciclo menstrual. O projeto incluiu a criação e o planejamento, que definem o assunto abordado no vídeo, e a finalidade do projeto, que visou aprimorar o conhecimento do aluno, facilitando o processo de aprendizagem. Posteriormente, houve a criação do roteiro, que consiste em um resumo do conteúdo, baseado nos livros didáticos recomendados pelo corpo discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Volta Redonda, dos quais também foram retiradas imagens que pudessem auxiliar na produção. Em seguida, houve a etapa de edição e finalização, que contou com a organização do material e a junção das montagens em vídeos de cerca de dez minutos. Concluiu-se que o projeto permitiu que o conteúdo fosse fixado de maneira mais efetiva pelos alunos de medicina, pois desenvolveu a capacidade de ensinar. Além disso, a utilização de videoaulas incentiva a autonomia, a disciplina e a reflexão daquele que assiste, libertando-o do modelo tradicional, no qual o educador transmite o conhecimento e o educando apenas o repete.

Enquanto que as metodologias mais tradicionais eram baseadas na transmissão de informações e no papel central do docente, as Metodologias Ativas buscam a construção e colaboração junto aos estudantes, estimulam a reflexão, a autonomia e a pesquisa.

O trabalho com Metodologias Ativas busca que os professores elaborem novas estratégias pedagógicas, em comparação ao passado, em que a escola se restringia à memorização, o professor era o único detentor da informação e o papel do aluno era basicamente memorização de dados. Agora, mais do que nunca, com maior acesso à (des) informação por parte de todos, acreditamos que não seja mais possível que a educação seja baseada meramente em administração de conteúdos, sendo necessário ir além e desenvolver, cada vez mais, raciocínio crítico, análise e interpretação de dados, cidadania digital e, para tanto, mais do que acesso à informação, as práticas precisam ser pensadas de forma a colocar a atividade do aluno no centro do processo. (HORN e STAKER, 2015; BACICH *et al.*, 2015; MATTAR, 2017; BACICH e MORAN, 2018; KIELING, 2017).

Uma premissa do trabalho com Metodologias Ativas é o papel central do aluno, ou seja, seu papel ativo no próprio processo de aprendizagem, o aprender fazendo. Em experiências em salas de aula presenciais ou híbridas o contexto de aprendizagem mediado por tecnologias digitais aparece como propício para práticas pedagógicas centradas no estudante.

Moran (2015) destaca ainda que a combinação equilibrada da flexibilidade da aprendizagem híbrida com Metodologias Ativas (fazendo, refletindo, avaliando e compartilhando) facilita a

ampliação de nossa percepção e competência em todos os níveis e reforça que as sociedades mais dinâmicas são as que incentivam a colaboração, o empreendedorismo e a criatividade.

Conclusão

Conclui-se que o ensino de temáticas referentes a saúde da mulher devem ter como princípio a investigação dos temas de maior interesse e/ou dúvidas dos alunos, para em seguida o professor propor uma aprendizagem significativa; baseada em metodologias ativas, com a aproximação de profissionais da saúde na escola, através de programas governamentais, tal como PSE. Observou-se a importância de que o tema em questão seja abordado não somente na disciplina de ciências como transversalmente as demais.

Destaca a importância do uso de estratégias de utilização de ferramentas focadas nos jovens, que estão cada dia mais conectados e com fácil acesso a informação em banco de dados digitais; e também da capacitação dos professores para abordar o tema de forma ampla, não discriminatória e com linguagem de fácil compreensão.

Assim como, salientou-se a grande contribuição da família e da comunidade na obtenção de conhecimento sobre saúde da mulher, muitas vezes ocupando papel mais relevante do que o da escola e dos serviços de saúde.

Referências

- ALTMANN, HA. **Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero.** Cadernos Pagu, Campinas, n.21, p.281–315, 2003. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010483332003000200012&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 23 ago. 2022.
- ALTMANN, HA. **Sexualidade adolescente como foco de investimento político-social.** Educação em Revista, Belo Horizonte, n.46, 2007. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010246982007000200012&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 23 ago. 2022.
- ARAGÃO, JCS; SOARES, GdeAR; SANTOS, IXPdos; SOUZA, MCde; SOUZA, RSde. **Produção de vídeos como material didático de apoio par aprendizagem em saúde da mulher: relato de experiência.** Revista Práxis, v11, n22, dezembro, 2019.
- BACICH, L; NETO, AT; TREVISANI, FdeM. **Ensino Híbrido: Personalização e tecnologia na educação.** Porto Alegre: Penso, 2015.
- BACICH, L; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática.** Porto Alegre: Penso, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual/ Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual - Ano da Mulher**. Brasília: MS; 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção a saúde. Área de saúde do adolescente e do jovem. **Marco legal: saúde, um direito do adolescente**. Brasília, 60p, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção em Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília (DF); 2010 [citado 15 jun 2015]. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

Cada Mulher, Cada Criança. Estratégia Global para a Saúde das Mulheres, das Crianças e dos Adolescentes (2016-2030) [Internet]. Nova York: EWEC; 2015 [consultado em 22 de agosto de 2022]. Disponível em: http://www.everywomaneverychild.org/wpcontent/uploads/2017/10/EWEC_Global_Strategy_PT_inside_LogoOK2017_web.pdf

CARVACHO, IE; SILVA, JLP; MELLO, MB. **Conhecimento de adolescentes grávidas sobre anatomia e fisiologia da reprodução**. Revista da Associação Médica Brasileira, São Paulo, v.54, n.1, p.29–35, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302008000100017. Acesso em: 23 ago. 2022.

CÉSAR, MRA. **Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “epistemologia”**. Educar, Curitiba, n.35, p.37–51, 2009.

COAST, E; LATTOF, SR; STRONG, J. **Puberty and menstruation knowledge among young adolescents in low- and middle-income countries: a scoping review**. International Journal of Public Health, 64:293–304, 2019.

CUNILL-GRAU, N. **La intersectorialidad en las nuevas políticas sociales: un acercamiento analítico-conceptual**. Gestión y Política Pública, Ciudad de México, v. 23, n. 1, p. 5-46, jan. 2014.

DIAS, DF; SPOSITO, NEC. **Educação sexual: uma sequência idática para EJA de uma escola de assentamento**. Educação em revista. Belo Horizonte, v37, 2021.

DINIS, N.; ASINELLI-LUZ, A. **Educação sexual na perspectiva histórico-cultural**. Educar em Revista, n.30, Curitiba 2007.

DUARTE, MEB. **Influência dos estilos de vida familiar no desenvolvimento do excesso de peso e obesidade em crianças em idade pré-escolar** [Tese de Doutorado]. Lisboa: Universidade de Lisboa; 2007.

FELIPE, J; GUIZO, BS. **Entre batons, esmaltes e fantasias**. In: MEYER, D.; SOARES, R. (org.). Corpo, gênero e sexualidade. Porto Alegre: Mediação. p. 31-40, 2004.

FURLANETTO, MF; LAUERMAN, F; COSTA, CBda; MARIN, AH. **Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura**. Cadernos de Pesquisa, v.48 n.168 p.550-571 abr./jun. 2018.

- FURLANI, J. **Encarar o desafio da Educação Sexual na escola**. In: Secretaria de Estado da educação. Departamento de diversidade. Núcleo de gênero e diversidade sexual. Sexualidade. Curitiba: SEED-PR, p. 37-48, 2009.
- GALVÃO, MPSP; ARAÚJO, TMEde; ROCHA, SSda. **Conhecimentos, atitudes e práticas de adolescentes sobre o papilomavírus humano**. Rev Saude Publica. 2022;56:12.
- GODINHO, RA; *et. al.* **Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio**. Revista Latino Americana de Enfermagem, v.8, n.2, p.25-32, 2000.
- GOMES, WA; COSTA, M; SOBRINHO, C; SANTOS, A; BACELAR, E. **Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes**. Jornal de Pediatria, Rio de Janeiro, v.78, n.4, p.301–308, 2002.
- HEIDEMANN, M. **Adolescência e saúde: uma visão preventiva**. Para profissionais da saúde e educação. Petrópolis: Vozes, 2006.
- HORN, MB; STAKER, H. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2009.
- IZQUIERDO, JMdeJ; PAULO, MdeALde; SANTOS, VBdos. **Juventude rural e vivências da sexualidade**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.27, n.4, out.-dez. 2020, p.1265-1283.
- JEOLÁS, LS; FERRARI, RAP. **Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado**. Ciência&SaúdeColetiva, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p.611–620, 2003.
- KIELING, HdosS. **Blended learning no ensino de inglês como Língua Estrangeira: um estudo de caso com professoras em formação**. 2017. 84 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas. 2017.
- MATTAR, J. **Metodologias Ativas: para a educação presencial, blended e a distância**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.
- MORAN, J. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II. Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (Orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. p. 15-33.
- PETROSKI, EL; PELEGRINI, A. **Associação entre o estilo de vida dos pais e a composição corporal dos filhos adolescentes**. Rev Paul Pediatr 2009; 27:48-52.

RAMOS, FRS. **Bases para uma (re)significação do trabalho de enfermagem junto a(o) adolescente.** In: *Adolescer, compreender, atuar, acolher.* Brasília – DF: ABEN – Ministério da Saúde, p.11-18, 2001.

ROMERO KT; MEDEIROS, ÉHGR; VITALLE, MSS; WEHBA J. **O Conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo.** *Rev Assoc Med Bras* 2007; 53(1): 14-9.

SANTOS, CAD; CARVALHO, FZS; PASSOS, MS. et al. **Internet e HPV: Uma possibilidade para educação em saúde entre adolescentes ?.** *Adolescente e Saúde*, Rio de Janeiro, RJ. v. 16, n. 1, p. 46-59, jan./mar., 2019.

SILVA, RCPda; MEGID NETO, J. **Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas.** *Ciênc. educ.* (Bauru), vol.12, n.2, p.185-197, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151673132006000200006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 22 jun. 2020.